

ANTOLOGIAS DE ENSAIOS SOBRE O BRASIL: DISCURSO E MEMÓRIA

Luciana Cristina Ferreira DIAS (Unicentro/Guarapuava)

Introdução:

Seja na dispersão em tantos domínios do saber, seja na diversidade de pontos de vista, o Brasil funciona como matéria-prima de muitos discursos. Nestes movimentos entre o já-dito e o novo, são mobilizadas memórias sócio-culturais de Brasil que nos afetam e produzem seus efeitos ao longo de nossa História. Assim sendo, meu trabalho volta-se para o Brasil enquanto referente do discurso e para a produção de conhecimentos sobre ele, a partir da produção de antologias de ensaios. Acorado na Análise do discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1998; 1990; ORLANDI, 1999; 2001; SERRANI, 1993), o estudo parte da visão de que a memória discursiva se textualiza na horizontalidade da cadeia.

No caso deste trabalho, a ordem do discurso da ensaística brasileira se revelou como superfície de emergência (FOUCAULT, 1969) que mereceria olhar especial, quer pela ausência de estudos que focalizem esse gênero de uma perspectiva discursiva, quer pelo trabalho de interpretação que se produz por autores que buscam entender o Brasil.

Tendo em vista tal produção de saberes sobre o Brasil, o artigo se divide em duas partes. Na primeira parte, será apresentado um panorama geral do campo da análise do discurso e alguns conceitos-chave para este estudo. Na segunda parte, procerei a uma análise acerca das representações de sentidos dominantes sobre o Brasil e sua cultura em duas coleções de ensaios, a saber: *Nenhum Brasil existe* (João Cezar de Castro Rocha) e *Intérpretes do Brasil* (Silviano Santiago) a fim de relacionar tais representações com questões de identidade cultural (cf, SERRANI, 2006, p. 98).

Assim sendo, buscarei compreender as condições específicas de produção dessas antologias que emergiram em decorrência dos 500 anos de Descobrimento do Brasil, em um movimento de sentidos em que uma data histórica é condição de possibilidade para o surgimento de tais coleções e ao mesmo tempo momento especial para balanços e análises sobre o país. Esta espécie de trabalho de memória sobre o Brasil produzido pelas antologias coloca em destaque as contradições de um país e uma falta que parece persistir em relação a um país que ainda não foi que poderia ser.

1. Pressupostos teóricos:

Vale dizer que este trabalho se insere no quadro teórico da Análise do discurso desenvolvida na França a partir de 1960, que teve em Michel Pêcheux, seu maior representante. Este campo trouxe de especificidade ao trabalho analítico acerca das antologias a consideração de uma interdependência entre materialidade lingüística e interdiscurso, que, por sua vez, está estreitamente ligado à noção de memória discursiva.

Acreditamos que a memória histórico-cultural do país ganha corpo na textualidade (cf. ORLANDI, 2001), na formulação dos sentidos que constituem a textura dessas coleções. Outro autor que também nos inspirou na análise dessas discursividades é Foucault (1969, p. 141). A partir das discussões propostas por esse autor, nos interessa compreender o campo de elementos antecedentes em relação aos quais a antologia, como conjunto de enunciados, se situa, aquilo que constitui seu

passado, a define, mas que tem o poder de reorganizá-la, redesenhando aquilo o que a torna possível, segundo relações novas.

Em termos de análise, considero que a antologia se trata de uma construção discursiva que se ancora num eixo norteador. Também, trabalho na confluência dos eixos intra e interdiscursivo (PÊCHEUX, 1998) ou nos termos de Orlandi (2001) busco examinar a textualização da memória sócio-cultural brasileira na tessitura das antologias de ensaios.

Mostra-se necessário evidenciar que memória, para a Análise de Discurso, não diz respeito à memória psicológica. Memória não significa depósito de conteúdo homogêneo, mas, como diz Pêcheux, trata-se de "um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização ... um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos" (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Considerando as reflexões de Nora (1996: 24), a memória é assim um fenômeno sempre atual materializado na linguagem que lhe serve de tecido e de ponto de ancoragem. Courtine (1994, p.10) parte da premissa de que se a linguagem é tecido da memória, interessa, dessa forma, à análise do discurso investigar os modos de existência material da memória na ordem do discurso.

Courtine (1981) fala a respeito de sentidos que ressoam, isto é, que produzem os chamados efeitos de memória. Neste caso, é a partir da relação entre interdiscurso e intradiscurso que se joga nesse efeito discursivo particular na ocasião em que uma formulação-origem faz retornar, na atualidade de uma "conjuntura discursiva".

Efeitos de memória têm a ver tanto com a retomada de um já-dito quanto com os efeitos que tal retomada desencadeia (Indursky, 2003, p. 103). Em sintonia com a autora, concebemos que os sentidos são rememorados, atualizados, resignificados, justamente, neste ponto de encontro em que o enunciado (caráter repetível) se inscreve na estrutura do discurso do sujeito, no intradiscurso. Mas há que se levar em conta a possibilidade do acontecimento discursivo como nos fala Pêcheux (1990) que vem para perturbar a memória

Também, é possível dizer que em termos de efeitos da memória, a antologia emerge como uma "singularidade" na medida em que segundo Foucault, (1969, p. 135) é "preciso estudar os enunciados no limite que os separa do que não está dito, compreendo a posição singular que um enunciado ocupa, que ramificações no sistema de formações discursivas permitem demarcar sua localização". Neste caso, conforme o autor, a antologia pode ser entendida como enunciação, ou seja, como um acontecimento (situado e datado) que não se repete e que se caracteriza por uma singularidade.

Assim sendo, vale refletir sobre as reflexões foucautianas atinentes à problemática do arquivo. Conforme o autor:

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. (...) é o que define o modo de atualidade do enunciado-coisa; é o sistema de seu funcionamento. Longe de ser o que unifica tudo o que foi dito no grande murmúrio confuso de um discurso, longe de ser o que assegura a existência no meio do discurso mantido, é o que nos diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria.

E neste caso enquanto singularidade, os efeitos de memória apontam, no caso das antologias de ensaios para: (i) uma recuperação da memória nacional a partir da Comemoração dos 500 anos do Brasil, (ii) uma busca em traçar um panorama cultural-literário brasileiro a um dado leitor, seja pela seleção de bons textos, seja pela análise de obras, de manifestações artísticas ou de grupos sociais.

2. As condições de produção das antologias de ensaios: uma memória de Comemoração e contradição:

Nenhum Brasil existe e Intérpretes do Brasil, as coleções escolhidas para este trabalho, foram lançadas com uma intenção de apresentar uma revisão do Brasil num contexto de Comemoração. Assim, os efeitos de memória se produzem a partir de um fato de natureza histórica e de uma reunião de vozes diversas que buscam apresentar o Brasil na forma de ensaios.

Pode-se dizer que o fato histórico “comemoração dos 500 anos de Descobrimento” e a reunião dos intelectuais que se engajaram nestes projetos antológicos acionam um trabalho de revisão da História do país e contribuem para que haja uma recuperação de nossa História, um olhar para o passado, para textos clássicos, para questões ainda pendentes na atualidade. Assim sendo, a antologia, enquanto construção discursiva, aponta para processos de sentidos em que o texto, o ensaio, materializa uma reflexão sobre nossa história cultural, seja na forma de um panorama, seja no sentido de compreender o que ainda não conseguimos decifrar.

Este retorno do Descobrimento do país, da colonização, da chegada dos portugueses é marcado por uma repetição de sentidos que tangenciam o novo e o diferente: lidar com a contradição, encará-la de frente, reconhecê-la e tentar tirar proveito dela, como os projetos antológicos de Comemoração propõem.

2.1. *Nenhum Brasil existe*: um vazio que persiste

Neste caso, considerando a questão do contexto imediato, a antologia *Nenhum Brasil existe* surge em meio a uma busca de traduzir para a língua portuguesa um volume já publicado em língua inglesa. Em colaboração com o historiador Valdeir Lopes de Araújo, o organizador, João Cezar Rocha, envolveu-se com este volume de ensaios, editado em língua portuguesa, intitulado *Nenhum Brasil existe – pequena enciclopédia* (Topbooks), versão ampliada de *Brazil 2001: A revisionary of Brazilian literature and culture* (University of Massachusetts Dartmouth), lançado na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, em Washington, durante a comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil.

Assim sendo, a especificidade da antologia *Nenhum Brasil existe* tem a ver com o fato de que essa primeira fora produzida em outra língua, em uma universidade norte-americana, visando a outro público para depois voltar ao Brasil e ser traduzida para a língua portuguesa, com outro título que convoca outras memórias.

Em termos de contexto ideológico mais amplo, *Nenhum Brasil existe* está relacionada à Comemoração dos 500 anos do Brasil na esfera acadêmico-intelectual, a partir de uma relação institucional entre Brasil e Estados Unidos. Rocha chama o trabalho antológico de projeto, na medida em que a antologia como produção se trata de um concurso de várias instituições e de um número maior de colaboradores. Dessa maneira, *Nenhum Brasil existe* emerge como volume dedicado ao Brasil, mas em um

contexto outro, em um departamento estrangeiro que também comemora com esta produção nossos 500 anos.

(1)“ Em primeiro lugar, gostaríamos de recordar a sua origem. Frank F. Souza, Diretor do Departamento de Português da Universidade de Massachusetts Dartmouth- o segundo departamento **exclusivamente de português dos Estados Unidos** - e Victor J. Mendes, Editor da Revista *Portuguese Literacy and Cultural Studies*, foram os artífices do projeto, pois deles partiu a idéia de lançar um alentado volume dedicado à **cultura brasileira**.

Enquanto a versão em língua inglesa de *Brazil 2001: A revisionary of Brazilian literature and culture* aponta para uma representação de produção antológica como revisão ou de recuperação da cultura e da literatura brasileira, o título em língua portuguesa *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia* estabelece um diálogo com a poesia de Drummond e dessa forma a representação construída aponta para um Brasil contraditório, ao mesmo tempo vazio, significado pela negação a partir das construções sintáticas “ o Brasil não nos quer” ou “ este não é o Brasil” , o “Brasil não existe” e um Brasil completo, a partir da produção antológica que garante uma certa existência ao país.

(2)“ De **um poema de Drummond de Andrade** veio a inspiração para **este volume**. O **poema intitulado “Hino Nacional”** encena a reconstrução de diversos esforços de constituição simbólica do país. Nos seus versos finais, entretanto, o **próprio “Brasil” surge e, como uma impossível coisa-em-si kantiana**, resiste a todas as tentativas de apreender a sua essência: **‘O Brasil não nos quer! Está farto de nós! Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil. Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?’**. **Não se pode ignorar o paradoxo. O Brasil não existe**, mas é o mesmo Brasil que se rende às **tentativas de traduzi-lo em substanciais volumes de história literária e cultural**, como por exemplo, **Nenhum Brasil existe”** (ROCHA, 2003: 17).

Com efeito, *Nenhum Brasil existe* enquanto produção de sentidos sobre o Brasil em meio a uma data específica, a Comemoração dos 500 anos, aponta para duas possibilidades de configuração da memória: considerando-se as relações estabelecidas num espaço intercultural entre Brasil e Estados Unidos o Brasil se faz e refaz a partir da reconstrução da memória literário-cultural, neste caso, direcionada a um público estrangeiro que se interessa por este panorama do país;

Considerando-se o acontecimento da antologia no Brasil, *Nenhum Brasil existe* se constrói a partir de um exame das contradições nacionais num trabalho com e pela História. Assim, emerge em todo trabalho uma problematização acerca da equivocidade identitária de um Brasil que não existe, mas que se faz vivo, pleno de sentidos em uma produção antológica de volume extenso.

(3) Partindo desse pressuposto, ou seja, **radicalizando as conseqüências do passado colonial**, com seu coronário **de dependência, tanto econômica como cultural**, compreende-se o **eterno retorno da metáfora antropofágica** nos momentos de

autodefinição da cultura brasileira. Afinal, essa metáfora se apresenta como uma forma privilegiada de digerir a condição pós-colonial, assimilando **o outro como se fosse o próprio**

Assim, os efeitos de memória produzidos na discursividade das antologias trazem para cena um tenso e contraditório trabalho dos sentidos nas antologias: ser brasileiro ou o próprio país se constitui ao longo de uma história a que já não temos acesso, que fala em nós, produzindo efeitos contraditórios marcados pelo esvaziamento/pela completude a partir de um outro que nos faria superar o provincianismo. O “nenhum Brasil existe”, da formulação de Rocha aponta para uma contradição de Brasil vazio (determinado pelo nenhum, que define o Brasil pelo esvaziamento) e completo (pela existência de coleções, volumes de história cultural e de interpretações sobre o Brasil).

A produção de uma representação de antologia enquanto panorama geral da produção literário-cultural brasileira se faz em *Nenhum Brasil existe*. Tal antologia busca um retorno ao passado e assim apresenta ao leitor análises a partir da Carta de Caminha, chegando até ao rap dos Racionais, a fim de problematizar as formas de conhecimento da realidade brasileira, seja pela literatura, seja pela manifestação do elemento audiovisual.

Também, a antologia *Nenhum Brasil existe*, por conta de sua filiação ao estrangeiro, ao outro, em seus primeiros momentos de produção na versão em língua inglesa, inclui a questão da perspectiva estrangeira, trazendo vários autores estrangeiros que vivenciaram uma experiência de contato com o Brasil (Elizabeth Bishop, Otto Maria Carpeaux, Roger Bastide, Lê Corbusier, Siembinsky e Stefan Zweig).

Outro efeito de memória na antologia *Nenhum Brasil existe* trata-se da construção de um panorama histórico (um balanço da história, do Brasil) a partir da recuperação dos autores que significaram o Brasil. Neste caso, Gilberto Freyre emerge como uma representação de intérprete do Brasil por excelência, para o qual é dedicado uma seção própria.

Ora, se o Brasil está sendo exportado para os Estados Unidos para a produção de antologias, o autor Gilberto Freyre é discutido em uma seção própria Freyre, na medida em que representa um autor de renome fora do país que permitiu ao estrangeiro conhecer o Brasil. Assim Freyre e sua produção denominada de teoria-exportação atualizam sentidos de Brasil que é matéria-prima para o estrangeiro, de país que vende seus produtos para fora.

Na seção Literatura (a mais extensa da antologia), há um amplo mapeamento de autores cujas produções ou vidas serão matéria-prima dos ensaios, abarcando diversos períodos literários (Gregório de Matos, Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto, Gonçalves Dias, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Drummond, Clarice Lispector, Ferreira Gullar, João Cabral, Guimarães Rosa, Mário de Andrade, José Lins do Rego, Adalgisa Nery, Monteiro Lobato).

Também, há que se destacar a Seção Audiovisual que traz autores de outras áreas como artes plásticas, cinema, música, atualizando uma possibilidade de a história do Brasil ser narrada não só pela Literatura (e pelo cânone), mas também pela indústria cultural nacional. Dessa forma, ressaltam-se a questão do rádio (entre 1923 a 1960), a televisão, os filmes *Deus e o diabo na terra do sol*, a obra do cineasta Walter Salles, a produção das artes plásticas no Brasil, o rap dos Racionais.

Neste caso, o Brasil é significado pelas artes, manifestações culturais e pela televisão, o que revela que a produção de artes está intimamente atrelada a uma compreensão do que é o Brasil. No mesmo movimento em que cria, no Brasil, há a necessidade de se voltar para a própria identidade.

Na seção Cultura, são apresentados textos sobre autores como: Marques de Pompal, Rui Barbosa, Manuel Bomfim, D. João VI, Raymundo Faoro, Oliveira Viana, Luis Câmara Cascudo, Florestan Fernandes, Roberto DaMatta. Na seção Literatura entram em cena Gregório de Matos, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Euclides da Cunha, Oswald de Andrade, Lima Barreto, Mário de Andrade, José Lins do Rego, Monteiro Lobato. Drummond, Adalgisa Nery, João Cabral, Ferreira Gullar, Manuel Bandeira, Clarice Lispector. Na seção sobre crítica aparecem José Veríssimo, Luiz Costa Lima, Roberto Schwarz, Sílvia Romero. Assim, a antologia *Nenhum Brasil existe* participa da instauração de sentidos que representam o Brasil como plural, múltiplo em suas manifestações e sobretudo significado pela Literatura e pela produção audiovisual. Tanto a Literatura quanto a produção cultural teriam contribuído para a construção da identidade nacional ao dar sentidos ao Brasil em narrativas de formação do país.

Nenhum Brasil existe busca na Literatura um eixo norteador para pensar o Brasil, sua identidade e história literário-cultural. A Literatura como campo empenhado em definir nossa identidade e de falar do Brasil, fazendo as vezes da Filosofia e das Ciências Sociais, serve de sustentação para a antologia promover este retorno ao passado, à História e compreender o presente. E este presente é marcado pela inexistência de um país que comemora uma data tão relevante. Um balanço nada animador.

2.2. *Intérpretes do Brasil*: um farol para iluminar a solução de um incógnita

A antologia *Intérpretes do Brasil*, organizada por Silviano Santiago, nasce de um acordo bilateral, num contexto de comemoração do V Centenário do Descobrimento do Brasil. É válido ressaltar que se percebe no prefácio da antologia a existência de duas notas, uma assinada pelo Ministro da Cultura, da ocasião Francisco Weffort e a outra assinada pela Editora Nova Aguilar, nas quais há referências explícitas à publicação dos volumes em decorrência das comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil.

O trabalho de seleção, organização e compilação de obras clássicas do pensamento brasileiro ficou a cargo de Silviano Santiago. Neste sentido, num processo de escolhas e exclusões, alguns autores entram em cena e outros são deixados de lado na organização antológica. Neste caso, *Intérpretes do Brasil* faz justiça a autores como Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Manuel Bomfim, Oliveira Viana, Alcântara Machado, Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes. De todas as formas, o trabalho antológico caracteriza-se como recuperação de uma história, como um panorama geral da cultura-literatura-produção brasileira, seja para servir de panorama, seja de farol.

Neste caso, a coleção apresenta um mapeamento que tem como marco inicial a Independência do Brasil entendida como um critério delimitador. Como a obra total se divide em três volumes, podemos dizer que, em cada um deles, há um eixo norteador de abrangência do país.

Em seu mapeamento, o primeiro volume, o Brasil é recuperado em termos de intérpretes ou obras clássicas a partir do elemento formação racial. Dentre as obras escolhidas, temos *O Abolicionismo* de Joaquim Nabuco (e o mapeamento do negro), *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (e o mapeamento do sertanejo), *A América Latina*, de Manuel Bonfim (mapeamento das misturas entre europeus lusitanos e os indígenas), *Populações Meridionais do Brasil* de Oliveira Viana (e o mapeamento dos tipos brasileiros detectados por Viana) e *Vida e Morte do Bandeirante*, de Alcântara Machado (e o mapeamento do paulista bandeirante)

No segundo volume, o Brasil é mapeado a partir de obras que retratam o Brasil. Para tanto, Santiago reúne os clássicos *Retrato do Brasil* (Paulo Prado), *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e as obras *Casa grande e senzala* e *Sobrados e Mucambos* (Gilberto Freyre). Neste mapeamento, temos uma mobilização das origens do Brasil, a partir da inclusão das obras *Retrato do Brasil*, *Casa grande e senzala* e *Sobrados e Mucambos* e uma mobilização de uma memória literária a partir da obra *Vidas Secas*.

O terceiro volume apresenta as obras clássicas: *Ordem e progresso*, Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda, *Formação do Brasil contemporâneo*, Caio Prado Jr, *A revolução burguesa no Brasil*, Florestan Fernandes traçam um mapeamento a respeito da formação do país em relação a momentos diferentes da história (do descobrimento, passando pela modernização até chegar à industrialização do país).

Da mesma forma que Rocha, Santiago, selecionador dos textos da antologia em questão, também reserva espaço de destaque para Gilberto Freyre dentro da coleção. Assim, dentre as escolhas de obras que falam do Brasil, Santiago insere três textos do autor pernambucano na antologia (*Casa grande e senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*) o que participa da produção de sentidos predominantes de Brasil representado por uma sociedade patriarcal, de base escravista.

No caso da antologia *Intérpretes do Brasil*, o sentido dominante que ressoa na antologia é de que as obras agrupadas nos três volumes, todas elas, sejam *clássicos do Brasil*, sempre relidos e sempre surpreendentemente novos, jamais indiferentes. Os intérpretes do país, tais autores de renome, grandes pensadores, escritores, personalidades, ganham destaque em detrimento de suas próprias obras.

Também, o discurso antológico se revela como concerto polifônico, no qual várias vozes diferentes, seja pela multiplicidade de autores, seja pela variação nas perspectivas se encontram nesta construção discursiva. Assim, a memória de discurso que se atualiza na antologia é de discurso nacional permeado por diversas vozes nem sempre convergentes.

Não por outra razão Silviano Santiago deixa ressoar no seu discurso que se faz uno, sentidos ligados às vozes dos nossos grandes autores (os intérpretes e suas vozes múltiplas) a partir da adjetivação que também se constitui enquanto variada e dispersa entre os intérpretes do Brasil a partir da adjetivação no eixo do intradiscurso: duras, ásperas, desiludida, doutrinária, rígida e erudita, macia, educada pela pedra.

(8) são “**duras**” e “**ásperas**” as palavras de Nabuco e de Euclides em *Os Sertões denunciando o crime que estava sendo cometido contra os sertanejos por nossas forças armadas*; “**desconcertantes**” as de Alcântara Machado que descobre mais a pobreza e a honestidade dos primeiros brasileiros do que o luxo e a pompa de uma sociedade brasileira transplantada para os trópicos na sua obra *Vida e morte do bandeirante*, “**desiludida**” a voz de Paulo Prado na obra *Retrato do*

Brasil, “**ríspida e erudita**” a de Sérgio Buarque de Holanda no clássico *Raízes do Brasil*, “**doutrinária**” a de Caio Prado, “**macia e acolchoada**” a de Gilberto Freyre e seu estudo acerca da contribuição dos negro-africano para a constituição de uma sociedade patriarcal e híbrida nos trópicos. “**Educada pela pedra**”, como a qualificou João Cabral de Melo Neto, a palavra de Graciliano;

E se temos na antologia a representação de ensaístas como intérpretes do Brasil, no plural, podemos dizer que o país não se fecha em um olhar fechado ou em um sentido único. O Brasil é construído discursivamente como plural e multifacetado, ou seja, entende-se que o país é permeado pela diversidade de visões, pela diferença, quando esse é tomado como objeto de análise. Percebemos martelar o adjetivo diferente na sua forma plural e o substantivo diversidade. Deixemos o próprio Santiago falar:

(4) **Selecionamos dez ensaios e um romance**, onze autores, que nos parecem dignos de representar o melhor do pensamento brasileiro sobre o Brasil. E para acompanhar cada livro, solicitamos a um grande especialista e estudioso da matéria uma introdução.

(5) **Os clássicos dialogam** com seus admiradores. **Onze ensaístas**, todos contemporâneos nossos. Pertencem eles a escolas e gerações **diferentes**. Apresentam abordagens e estilos **diferentes**. Por isso, dentro da **diversidade** das **grandes interpretações** selecionadas, **a diversidade** dos ensaios introdutórios solicitados” (pXLII)

(6) **O conjunto duplamente rico e complexo**: um exemplo entre outros, talvez o mais ambicioso- o trabalho de montar uma antologia de textos que mostra como é que pensamos e continuamos a pensar o Brasil.

Além da representação da diferença e da diversidade construídas em relação ao Brasil em termos de memória do pensamento ensaístico nacional, destaca-se o jogo entre as formulações Brasil como algo já sabido, mas como um problema que não se deslinda, incógnita que atordoa e Brasil, o nosso claro enigma que mobilizam em termos de memória no eixo intradiscursivo sentidos de Brasil como conhecido e ao mesmo tempo complexo, como problema que nos deixa atordoados, como claro (familiar) enigma (mistério).

Assim sendo, as obras postas em cena participam da construção desta representação de Brasil problema-enigma-incógnita e dessa maneira são materializações da possibilidade de entender um Brasil, que, em partes, conhecemos (seus dilemas, problemas), mas para o qual ainda (de forma contraditória) não conseguimos apontar uma solução-resposta.

(7) os onze livros não vão colocar o Brasil como algo já sabido, mas como um problema que **não se deslinda**, como **incógnita que atordoa**, apesar do **esforço inédito** de apreensão de seu evoluir histórico. (...) **Brasil**, o nosso **claro enigma**.

Considerações finais:

Vale dizer que, de um lado, a análises das antologias ensaísticas *Nenhum Brasil existe e Intérpretes do Brasil* me levaram a refletir sobre a relevância de buscar no

discurso antológico a construção de representações a partir de uma dada produção literário-cultural, ou seja, a representação social de um país, nação e povo no discurso antológico (entendido como representação da memória nacional) e de outro, os efeitos de memória produzidos a partir da mobilização do já-dito, de um saber discursivo nestas discursividades.

No primeiro caso, *Nenhum Brasil existe* materializa uma rememoração de Brasil, a partir de um evento comemorativo, como lugar do vazio ou da ausência ou ainda como metáfora da antropofagia. Num jogo de equivocidades, o Brasil que parece não existir, se constitui mesmo assim em um alentado volume extenso. Ou ainda somos vazios (significados pela negação) num mesmo movimento de sentidos em que o outro nos completa, seja na perspectiva da cópia do modelo, seja na busca pelo outro como forma de superar a condição precária do brasileiro.

No segundo caso, *Intérpretes do Brasil*, emerge como construção em que autores ou obras são lembrados e outros esquecidos. Uma coleção que busca o tempo todo justificar a inserção de um dado autor, seja pela envergadura de sua obra, seja pelo fato de a ensaística não ter dado a ele seu devido valor. Além disso, *Intérpretes do Brasil*, ao oferecer ao leitor um “bouquet de ilustres autores”, também convoca memórias de Brasil claro e engima ao mesmo tempo, um problema que não se deslinda.

A Comemoração e as antologias funcionam como lugar do qual se apreendem a diversidade, a réplica e, sobretudo, a contradição brasileira como matéria-prima da discussão. Uma contradição que se dá a partir de um intercruzamento de múltiplas vozes sociais, intelectuais, na relação entre diferentes formações discursivas divididas em si mesmas, no confronto de perspectivas, na sustentação a partir de intérpretes legitimados, na exclusão de autores ou obras. A meu ver, as antologias possibilitam justamente este movimento de se compreender o discurso em seu caráter processual num jogo em que entram em jogo memórias, constituição de identidades e efeitos de sentidos.

Referências

- COURTINE, J J **Analyse du discours politique**. In: **Languages**, 62, Paris, Larousse, 1981
- FOUCAULT, M.(1987) **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense - Universitária.(1ª. Ed. 1969)
- GUIMARÃES, E (2000). **Sentido e acontecimento**. Um estudo do nome próprio. Mimeo. Unicamp, 2000
- INDURSKY, Freda. **Discurso, língua e memória**: Lula-estrutura e acontecimento. *Organon*, v. 17, no. 35: 101-122, 2003.
- NORA, P **Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux**. In: G. Lipovestki. *L'ère du vide*. Paris: Flammarion, 1983
- ORLANDI, E. **A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso**. Campinas, Pontes. 2ª ed. rev. e aum, 1987
- ORLANDI, E. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. São Paulo, Vozes, 1986

- ORLANDI, E. **Análise do discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Trad. Eni P. de Orlandi et alii. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988
- PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Trad. Bras. Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. **O papel da memória**. In: Achard, Pierre (et al). “Papel da memória” (tradução e introdução de José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1990, p. 49-57.
- SERRANI, S. **A linguagem na pesquisa sociocultural**. Um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1983
- SERRANI, S. **Identidade e representação do Brasil em antologias poéticas bilíngües**. In: Coracini, M, Grigoletto, M e Magalhães, I. **Práticas identitárias em Lingüística Aplicada** São Paulo: Parábola, 2006